

O Instituto de Biociências endossa a preocupação da Comunidade Universitária da UFRGS com a aprovação do Projeto “Future-se”, lançado pelo MEC, e reitera a não adesão a uma proposta que abre inteiramente a administração e a delimitação dos rumos do Ensino, Pesquisa e Extensão nas Universidades Públicas a organizações de interesse privado

Vivemos atualmente em um processo claro e crescente de desintelectualização da sociedade.

– Devemos nos perguntar primeiramente como pesquisadores e educadores: seremos parceiros neste processo?

Parafraseando a **Carta de Vitória** elaborada pela ANDIFES: O sistema de universidades federais é um patrimônio de nosso povo. Elas representam uma das apostas mais significativas da sociedade brasileira no conhecimento, na ciência, na formação de recursos humanos, no desenvolvimento social e tecnológico, na cultura e nas artes. **A educação pública é, desse modo, uma recusa sistemática do atraso e da ignorância, uma opção atual e de longo prazo pela civilização.**

- Iremos abrir mão desta vanguarda na produção e transmissão de conhecimento científico, mesmo que não gere lucros imediatos, em troca da promessa de alguns trocados?

As Universidades já possuem mecanismos de obtenção de recursos externos, que podem ser aperfeiçoados. Esta promessa de recursos não é a novidade do Future-se.

A novidade é a transferência do controle de recursos, de pessoal e dos rumos do Ensino, Pesquisa e Extensão para uma “Organização Social” de objetivos indefinidos.

Mas não sejamos ingênuos - podemos como intelectuais avançar um pouco nesta premissa e considerar que os objetivos do “Future-se” estão claramente definidos na política do atual governo e do MEC.

Os objetivos são o desmonte das áreas do conhecimento que não gerem lucro imediato. Não são conjecturas – são palavras do presidente do Brasil.

A Universidade pública é uma instituição plural e exploratória – nela pensamos, ensinamos e pesquisamos sobre tudo, mesmo sobre assuntos que não despertam um interesse imediato. A história da evolução da cultura e do conhecimento humano estão repletas de

exemplos de pesquisas que geram pequenas informações que no futuro tornam-se avanços extraordinários na história da humanidade – a descoberta da Penicilina é apenas um dos exemplos mais marcantes.

Devemos refletir novamente..., devemos abrir mão destas prerrogativas da Universidade pública por uma caixinha de moedas que pode se constituir na verdade em uma caixa de Pandora? Quais são os males escondidos em uma proposta tão indefinida?

Pesquisa básica e pesquisas exploratórias sem lucros imediatos nunca foram o interesse em instituições privadas, e é atualmente basicamente sustentado pelas Universidades públicas. Quais serão os destinos destas áreas?

Projetos de extensão em ciências humanas e sociais, que servem concomitantemente ao auxílio de populações mais carentes e à descoberta, descrição e aprendizado sobre carências e soluções de carências de partes menos favorecidas da sociedade deixarão de ser atendidas?

São apenas alguns exemplos.

Vemos a manifestação de alguns colegas claramente iludidos com a perspectiva de obtenção de recursos financeiros com a proposta do MEC, e eventualmente alguns setores universitários que tratam de temas com aplicações imediatas e que geram lucro considerando que podem ser beneficiados com a proposta.

Lembramos a estes parceiros no projeto “Universidade” de construção independente de conhecimento, que parcerias com instituições privadas já existem no âmbito da UFRGS.

O projeto Future-se trata obviamente de um projeto de perda da autonomia Universitária e da desconstrução do conhecimento, e não de obtenção de recursos.

Devemos refletir novamente – o que estamos recebendo em troca da adesão ao Future-se compensa a perda de nossa autonomia?

- Vamos negar às próximas gerações um projeto quase secular de universidade de livre pensamento e de geração de conhecimento?

Certamente que não! A Universidade deve continuar como está e ser autônoma.

Não devemos ceder a ameaças e a eventuais períodos adversos na administração pública. As Universidades públicas são instituições de livre pensamento, que persistem por décadas e várias gerações, e que

já passaram e sobreviveram a períodos de penúria financeira – muitos de nós são testemunhas destas fases. Melhor sobreviver a luz de velas do que perder nossa autonomia e negar a liberdade de escolha e de pensamento às futuras gerações.

Encerro repetindo minha manifestação inicial:

Vivemos atualmente em um processo claro e crescente de desintelectualização da sociedade.

– Devemos nos perguntar primeiramente como pesquisadores e educadores: seremos parceiros neste processo?

Este é o parecer do Instituto de Biociências.

Profa. Clarice Fialho – Diretora

Prof. Luiz R. Malabarba – Vice-diretor